

DIVERSIDADE E INCLUSÃO

FORMAR MULTIPLICADORES

Um dos pilares do programa Juventudes AntiMisoginia está centrado na formação, no princípio da Educação de pares, onde se reconhece a potência desse estudante para ensinar e aprender, de forma coletiva, explica Andrade.

"Nos encontros dos comitês e nas atividades com a comunidade escolar, são desenvolvidos a autonomia, o senso de justiça e a responsabilidade ética e cidadã, que fortalecem habilidades sociais, como a escuta ativa, a comunicação, a assertividade, a leitura de situações sociais, o respeito pelas diferenças", enumera.

Esse conjunto de habilidades foca no respeito à diversidade, à igualdade de gênero e aos direitos humanos, possibilita a mudança de práticas, a superação de estereótipos e a garantia de relações e interações sociais não violentas, empáticas e igualitárias.

Kohlbach:
estudantes trazem
protagonismo
ao clube Girl Up



Divulgação

Os comitês espalhados nas diversas unidades da instituição produzem relatos em vídeos, fotografias e conteúdos que são compartilhados pelos professores-mentores a gestores, demais educadores e toda a rede Sesi-SP.

Durante o evento de lançamento do programa, realizado em 2025, uma das estudantes da Escola Sesi de Regente Feijó, Lívia Furtunato, fez um depoimento emocionante: "Aprendi que não devemos normalizar situações machistas. Precisamos falar, lutar e promover a mudança".

BEM-ESTAR EMOCIONAL E SEGURANÇA

A Educação integral em sexualidade faz parte do currículo do Colégio Bandeirantes há pelo menos 40 anos, fortalecendo o corpo docente para essa questão por meio de formações continuadas com especialistas da área.

"Entendemos que o bem-estar emocional e a segurança social são pré-requisitos para o aprendizado. As estudantes demandam uma escola que seja, ao mesmo tempo, um centro de conhecimento e uma rede de proteção contra violências sistêmicas como a misoginia", explica a coordenadora da Convivência, Beatriz Kohlbach.

Quando o tema combate à misoginia ganhou maior atenção nas redes sociais e na sociedade, esse debate já tinha raízes na instituição.

"Quando isso acontece com um assunto que já faz parte do nosso planejamento, o resultado é uma espécie de encontro: a escola oferece a estrutura, e as estudantes trazem o protagonismo; o coletivo não surge apesar da escola, mas dentro dela e com ela", afirma, ressaltando as ações do clube Girl Up.

ESCUITA E ACOLHIMENTO

Dentre as propostas realizadas no Colégio Bandeirantes está a dinâmica da Girls Night (Noite das Meninas), eventos realizados com a proposta de ser um espaço seguro para discussões sobre empoderamento feminino, sororidade e o combate a estereótipos culturais.

"Percebemos que, ao criar espaços exclusivos de escuta e acolhimento, as barreiras de defesa caem, e a sororidade – que muitas vezes é apenas um conceito teórico – passa a ser uma prática de convivência. O papel da escola é desconstruir esse viés cultural, mostrando que o sucesso de uma não anula o potencial da outra", pontua.

De acordo com Kohlbach, os coletivos são espaços em

que as estudantes conseguem compartilhar experiências com menos medo de julgamento, pois existe identificação entre pares.

O que não significa ausência de acompanhamento, já que todas as atividades acontecem com a presença de professoras e orientadoras que ajudam a sustentar o diálogo, ampliar perspectivas e transformar inquietações em reflexão e ação concreta.

"O papel pedagógico não desaparece quando as estudantes passam a falar entre si. Ele muda de lugar. Em vez de centralizar a fala, nossa função passa muito mais pela mediação da escuta e pela construção de continuidade", conclui a coordenadora.

**Sororidade
como prática
de convivência.**



4 atitudes no combate à misoginia nas escolas

1. Nomear e denunciar violências

Reconhecer atitudes machistas disfarçadas de "brincadeira", piadas ou opiniões é o primeiro passo para interromper ciclos de violência e discriminação.

2. Criar espaços seguros de escuta

Grupos de acolhimento e diálogo fortalecem a confiança das estudantes, incentivam a sororidade e ajudam meninas a compartilharem experiências sem medo de julgamento.

3. Promover Educação digital crítica

Debater os conteúdos consumidos nas redes sociais ajuda jovens a identificar discursos de ódio, misoginia e práticas violentas naturalizadas no ambiente on-line.

4. Incentivar o protagonismo estudantil

Quando estudantes lideram ações, campanhas e coletivos, tornam-se multiplicadores de respeito, empatia e igualdade dentro e fora da escola.



Fonte: produzido com base nas entrevistas para esta reportagem.